

Recursos Humanos em Equipa de Basquetebol Federado

70456 - Rui Miguel Fernandes Figueira - TG - PPA - LETI -
ruifigueira1992@gmail.com

(Relatório de Aprendizagens)

Resumo— Este relatório pretende apresentar os conhecimentos e valores desenvolvidos durante a temporada desportiva em que desempenhei o papel de recursos humanos na equipa feminina de basquetebol sub-19 do Atlético Clube de Mosca (ACM). Irei também relatar experiências que me valorizaram e desenvolveram quer como cidadão quer como profissional.

Palavras Chave—Portefólio, Basquetebol, Recursos Humanos, Actividade, Atlético Clube de Moscavide, Aprendizagem, Conhecimento, Estatística, Competências.

1 INTRODUÇÃO

O Ser Humano aprende durante toda a vida. Nunca ninguém irá viver o suficiente para poder afirmar com toda a convicção que aprendeu tudo. É cada vez mais com essa certeza, que está a terminar a minha experiência como recursos humanos da equipa de sub-19 femininos do ACM. Esta temporada desportiva, em que acompanhei este grupo de trabalho, ajudou-me a crescer não só como profissional mas também como pessoa.

Ao longo deste relatório irei abordar não só as competências técnicas adquiridas (principalmente no campo da análise estatística), como também as competências sociais tais como a capacidade de diálogo, liderança, gestão de grupo, espírito de equipa e cumprimento de prazos.

Abordarei também as dificuldades encontradas e de como consegui controlá-las de modo a que, da minha parte, nada faltasse à equipa e que esta conseguisse ter acesso o mais atempadamente ao feedback dos seus desempenhos semanais.

Por fim irei fazer uma reflexão final sobre o decurso desta época desportiva e de como evolui com esta experiência.

ONOE ESTÁ O FOOTER DE INFORMAÇÃO?

2 COMPETÊNCIAS TÉCNICAS

Para poder desempenhar com sucesso as minhas tarefas, vi-me obrigado a desenvolver um conjunto de competências que ainda não dominava da melhor forma. Desde logo, fui obrigado a entender o funcionamento do *Microsoft Excel*, ferramenta que não dominava e que poucas vezes tinha utilizado até então.

Foi-me pedido que criasse duas folhas independentes. Uma delas com a informação separada por jogo em que apresentasse, para além dos dados de cada jogadora nesse jogo, a média de pontos, média de ressaltos, média de assistências, etc, de cada jogadora. Essa mesma folha inclui também os totais da equipa nesse mesmo encontro de modo a que o treinador possua toda a informação relativa a um jogo individualmente. Assim, pode durante a semana corrigir as situações que achar necessário para melhorar o rendimento da equipa.

Com a segunda folha pretendia-se que a informação fosse separada por jogadora, de modo a que o treinador conseguisse analisar a progressão de uma jogadora ao longo da época assim como as médias e totais de cada item analisado. Ainda nas folhas individuais de cada jogadora foi-me pedido que calculasse o valor Most Valuable Player (MVP) (valor que

[illegible]

indica o desempenho de um atleta num jogo).

Com o decorrer desta actividade comecei a dominar áreas do excel que não dominava que, apesar de serem operações simples como cálculo de médias, somas, subtrações, cálculo de percentagens e ordenação, são extremamente úteis e em caso de necessidade de elaborar um relatório de contas são conhecimentos extremamente úteis e que, já os possuindo, reduz significativamente a dificuldade de execução.

3 COMPETÊNCIAS SOCIAIS

A grande mais valia desta experiência foi talvez o crescimento pessoal. Por um lado, vi-me inserido num grupo repleto de personalidades diferentes (algumas delas divergentes) e pude analisar as reações do ser humano face a contrariedades, decepções, alegrias, ordens, analisando as diferenças comportamentais. Por outro, o analisar do trabalho de alguém com vários anos de experiência como treinador, ajudou-me a perceber como, apesar de extremamente difícil, é possível liderar, gerir e motivar um grupo tão heterogéneo de atletas.

Para melhor relatar o que observei, analisarei primeiro as atletas e apenas posteriormente o treinador.

3.1 Atletas

Adolescência, Provavelmente a altura mais instável do ser humano, em que todos se consideram donos absolutos da razão, e com extrema dificuldade em ouvir opiniões contrárias à sua. Com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos, foi nesta fase que encontrei as atletas sub-19 do ACM. Apesar de a maioria das jogadoras, segundo pude constatar, se dão bastante bem, por vezes houve conflitos e alterações de humor que perturbaram o espírito de grupo.

Um exemplo que espelha essa situação aconteceu na visita ao Sporting Clube de Portugal (SCP).

Decorria a segunda parte do encontro; apesar de ser uma formação não só com mais armas, como também mais experiente, a equipa do SCP não conseguia espelhar toda a sua superioridade estando a vencer apenas por 3 pontos.

Após dois minutos de maior desconcentração da nossa equipa, o adversário consegue alargar a vantagem para 10 pontos, momento em que o treinador do ACM pede um desconto de tempo e ao aproximarem-se do banco as jogadoras vêm a discutir umas com as outras, atirando a culpa por uma má fase para a colega mais próxima, algo só interrompido pelos gritos do treinador tentando desviar a atenção delas da discussão para que apenas se focassem nas suas palavras. No recomeço, e após as palavras do treinador, a nossa equipa consegue dar a volta ao jogo. No espaço de 5 minutos novo desconto de tempo. Mas desta vez, face à vantagem no jogo, as jogadoras vinham para o banco em plena festa, abraçando-se e comemorando o êxito momentâneo. Apesar dos avisos do treinador deque nada estava ganho e que era necessário manter a concentração, o "clima de festa" manteve-se, e na reentrada no jogo, uma ultra concentrada equipa do SCP virou o jogo, e desta vez definitivamente. Nesse momento voltou a primeira reação. Discussão, desunião, cada jogadora jogava só para si, e assim sendo a derrota foi inevitável e por números bastante expressivos.

Nunca tinha visto tanta mudança de atitude na minha vida! Num espaço de 5 minutos a equipa passou do modo "desistência" para o modo "somos as maiores" e de novo para "desistência". Apesar de algumas delas já jogarem basquetebol federado há bastante tempo, nestes momentos, nota-se ainda que falta o auto-controle e auto-análise necessário em momentos como este. O modo correcto de reagir a uma adversidade do grupo não é com certeza atacar outro elemento do grupo, expondo os seus erros. Na minha opinião, caso consideremos que um dos nossos colegas está com dificuldades, é nosso dever ajudá-lo de modo a que o **nosso grupo** consiga ultrapassar as dificuldades e possamos ter sucesso juntos, como grupo. Isto seja numa equipa, numa família, ou numa empresa.

Na recepção ao SCP, dois meses depois, a atitude foi completamente diferente. Os treinos foram diferentes, a concentração foi diferente, a entreajuda foi diferente. Durante os treinos da semana, via-se no discurso das jogadoras que queriam ganhar e que isso era superior a todas

as divergências que estas pudessem ter. Assim, no fim de semana, venceram a mais forte, mais completa, e mais experiente equipa do SCP. Um exemplo que a união, o espírito de equipa e o empenho consegue colmatar falhas técnicas que porventura existam.

3.2 Treinador

Comandar um grupo de personalidades divergentes, como níveis qualitativos diferentes, e com alguns egos, não é tarefa fácil. Mesmo um treinador como o Jorge Ferreira, com vários anos de experiência no basquetebol, por vezes surgem dificuldades.

Desde logo, o facto de o grupo ser reduzido (cerca de 13 atletas), faz com que a gestão do treinador tenha de ser muito cuidadosa. Não pode deixar que nenhuma jogadora se desmotive, pois corre o risco de, como o ideal seria convocar sempre 12 jogadoras para o jogo, ter jogadoras no banco desmotivadas, e isso poderia ser prejudicial à equipa. Apesar disso, a gestão do treinador sempre se mostrou inteligente; sempre tentou que todas as jogadoras se sentissem como peças importantes na equipa, o que fez subir a moral da equipa e consequentemente melhorar os resultados obtidos. Num grupo de trabalho, é muito importante que todos os elementos se sintam úteis, que desempenhem uma função mais ou menos visível, pois só assim podem contribuir com o seu máximo para o fim comum.

Outra das questões interessantes de observar foi a gestão de egos. Havendo na equipa jogadoras que já jogam basquetebol há vários anos, é normal que haja qualidade. O problema é que com a qualidade, por vezes, vem a ideia de superioridade e com isso, a capacidade de analisar cuidadosamente as opções disponíveis fica comprometida. Quando uma jogadora se considera superior, tende a ignorar o colectivo e a tentar decidir sozinha, o que compromete, na grande maioria das vezes, o sucesso da equipa. Nestes casos o treinador tem em mãos um papel difícil. Caso decida substituir a jogadora, decide prescindir das suas qualidades colocando em campo uma jogadora que, embora mais fraca tecnicamente, privilegie o colectivo; caso decida manter essa jogadora em

campo aposta em que ela tenha um rasgo individual que resolva o jogo, ou então que perceba que é mais vantajoso jogar colectivamente.

O que eu observei do treinador, e que me parece ser a análise mais correcta, é que é mais vantajoso nestes casos, sacrificar o elemento que não contribui para o sucesso do grupo, colocando em campo alguém capaz de decidir em conformidade com o grupo.

O objetivo colectivo deve ser **sempre** o objectivo principal de qualquer colectivo, seja ele desportivo ou corporativo.

Toda esta análise do comportamento do treinador da equipa, e da sua relação com as atletas, o empenho em cada exercício de treino, a capacidade de gerir um grupo de trabalho, fez-me considerar seriamente a opção de tirar o curso de treinador de modo a puder aliar a minha paixão pelo basquetebol ao gosto de transmitir os meus conhecimentos da modalidade às novas gerações de pequenos basquetebolistas. Assim poderia não só contribuir para o seu desenvolvimento físico, técnico e tático, ao seu crescimento como seres humanos leais, conscientes responsáveis e respeitadores dos valores não só do basquetebol como da vida em sociedade.

4 CONCLUSÃO

Está a terminar a época desportiva e com ela terminam as minhas funções de recursos humanos nesta equipa. Foram 10 meses em que acompanhei este grupo de atletas, os seus sucessos e desilusões, as recuperações físicas e psicológicas, as desavenças, mas acima de tudo o seu crescimento.

Também eu cresci com isso. Fiquei ciente de que ser bom não chega. Temos de colaborar, de nos unir, de remar todos para o mesmo lado para conseguirmos atingir os objectivos a que **todos juntos** nos propusemos inicialmente. E apesar de nem todos os objectivos da equipa terem sido conseguidos, a equipa evoluiu com os erros e conseguiu sempre dar a volta. Nunca desistir!

Neste tipo de documento (Técnico)
a Conclusão deve começar com
um resumo do assunto abordado
e depois deve marcar o resultado